

A donzela Maleen

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez um rei que tinha um filho. Esse filho pediu em casamento a filha de um rei poderoso, chamada donzela Maleen, que era belíssima. Como o pai dela queria dá-la a outro, recusou-lhe a mão. Mas os dois se amavam de todo o coração e não queriam se separar, e a donzela Maleen disse ao pai:

— Não posso nem quero tomar outro homem por marido.

Então o pai se enfureceu e mandou construir uma torre escura, onde não entrava um raio de sol nem de lua. Quando ficou pronta, disse:

— Você ficará aí por sete anos. Depois virei ver se sua teimosia foi quebrada.

Levaram para a torre comida e bebida para os sete anos; em seguida, conduziram para dentro a donzela e sua aia e emparedaram a entrada, separando-as assim do céu e da terra. Ali ficaram na escuridão, sem saber quando começava o dia ou a noite. O príncipe muitas vezes rodeava a torre e chamava o nome dela, mas nenhum som de fora atravessava as grossas paredes. O que podiam fazer, além de gemer e se lamentar? Enquanto isso, o tempo passava, e, pela diminuição da comida e da bebida, perceberam que os sete anos se aproximavam do fim. Pensaram que chegara o momento da libertação, mas não se ouvia uma martelada, nem uma pedra queria cair da parede: parecia que o pai a havia esquecido. Quando só lhes restavam alimentos para pouco tempo e viam diante de si uma morte miserável, a donzela Maleen disse:

— Precisamos fazer uma última tentativa e ver se conseguimos abrir a parede.

Pegou a faca de pão, cavou e furou a argamassa em torno de uma pedra e, quando se cansava, a aia a substituía. Depois de muito trabalho, conseguiram tirar uma pedra, depois uma segunda e uma terceira; ao cabo de três dias, o primeiro raio de luz entrou na escuridão, e por fim a abertura ficou grande o bastante para olharem para fora. O céu estava azul e um ar fresco soprava em direção a elas, mas que tristeza havia por toda parte: o castelo do pai estava em ruínas; a cidade e as aldeias, até onde a vista alcançava, tinham sido queimadas; os campos, devastados por toda parte. Não se via uma alma viva. Quando a abertura na parede ficou larga o bastante para passarem, a aia saltou primeiro, e a donzela Maleen a seguiu. Mas para onde iriam? Os inimigos haviam devastado todo o reino, expulsado o rei e matado todos os habitantes. Elas seguiram viagem em busca de outra terra, mas em parte alguma encontravam abrigo ou alguém que lhes desse um bocado de pão, e tamanha era sua necessidade que tiveram de matar a fome num pé de urtigas. Depois de muito andar, chegaram a outro país e ofereceram seus serviços por toda parte, mas eram repelidas em todas as portas, e ninguém queria ter pena delas. Por fim, chegaram a uma grande cidade e foram à corte real. Ali também mandaram que seguissem adiante, até que finalmente o cozinheiro disse que podiam ficar na cozinha, servindo como criadas das cinzas.

Ora, o filho do rei daquele país era justamente quem havia sido noivo da donzela Maleen. O pai lhe destinara outra noiva, tão feia de rosto quanto má de coração. O casamento já estava marcado, e a noiva já chegara, mas, por causa de sua grande feiura, não se deixava ver por ninguém e se trancava no quarto. A donzela Maleen tinha de levar-lhe a comida da cozinha. Quando chegou o dia em que a noiva deveria ir à igreja com o noivo, ela sentiu vergonha de sua feiura e temeu que, se aparecesse na rua, as pessoas zombassem e rissem dela. Então disse à donzela Maleen:

— Uma grande felicidade espera por você. Torci o pé e não posso andar direito pela rua. Você deverá vestir meus trajes de noiva e tomar meu lugar; não poderia receber honra maior.

Mas a donzela Maleen recusou, dizendo:

— Não desejo uma honra que não me cabe.

Também foi inútil oferecer-lhe ouro. Por fim, a noiva disse, furiosa:

— Se não me obedecer, isso lhe custará a vida. Basta eu dizer uma palavra, e sua cabeça será posta aos seus pés.

Então ela teve de obedecer e vestir os esplêndidos trajes da noiva, com todas as suas joias. Quando entrou no salão real, todos se admiraram de sua grande beleza, e o rei disse ao filho:

— Esta é a noiva que escolhi para você e que deverá conduzir à igreja.

O noivo ficou espantado e pensou: “Ela se parece com minha donzela Maleen; eu até acreditaria que fosse ela mesma, mas faz muito tempo que ela está presa na torre ou está morta.” Tomou-a pela mão e a conduziu à igreja. À beira do caminho havia um pé de urtigas, e ela disse:

*Pé de urtigas,
pé de urtigas tão pequeno,
por que está aqui sozinho?
Já conheci um tempo
em que eu comia você
sem cozinhar nem assar.*

— O que está dizendo? — perguntou o príncipe.

— Nada — respondeu ela. — Eu só estava pensando na donzela Maleen.

Ele se admirou de que ela soubesse da donzela, mas ficou calado. Quando chegaram à passagem diante do adro da igreja, ela disse:

*Passagem da igreja, não se quebre,
eu não sou a verdadeira noiva.*

— O que está dizendo? — perguntou o príncipe.

— Nada — respondeu ela. — Eu só estava pensando na donzela Maleen.

— Você conhece a donzela Maleen?

— Não — respondeu ela. — Como haveria de conhecê-la? Só ouvi falar dela.

Quando chegaram à porta da igreja, ela disse outra vez:

*Porta da igreja, não se quebre,
eu não sou a verdadeira noiva.*

— O que está dizendo? — perguntou ele.

— Ah — respondeu ela —, eu só estava pensando na donzela Maleen.

Então ele tirou uma joia preciosa, colocou-a em seu pescoço e enganchou os elos da corrente. Depois entraram na igreja, e o sacerdote uniu suas mãos diante do altar e os casou. Ele a conduziu de volta, mas ela não disse uma palavra durante todo o caminho. Quando chegaram novamente ao castelo real, ela correu ao quarto da noiva, tirou os trajes esplêndidos e as joias, vestiu sua roupa cinzenta e conservou apenas no pescoço a joia que recebera do noivo.

Quando anoiteceu e a noiva devia ser conduzida ao quarto do príncipe, ela deixou o véu cair sobre o rosto, para que ele não percebesse o engano. Assim que todos saíram, ele lhe perguntou:

— O que foi que você disse ao pé de urtigas que havia no caminho?

— Que pé de urtigas? — perguntou ela. — Eu não falo com pé de urtigas nenhum.

— Se você não fez isso, então não é a verdadeira noiva — disse ele.

Ela deu um jeito e disse:

*Tenho de sair até minha criada,
que carrega os meus pensamentos.*

Saiu e se lançou sobre a donzela Maleen:

— Moça, o que você disse ao pé de urtigas?

— Eu só disse:

*Pé de urtigas,
pé de urtigas tão pequeno,
por que está aqui sozinho?
Já conheci um tempo
em que eu comia você
sem cozinhar nem assar.*

A noiva correu de volta ao quarto e disse:

— Agora sei o que falei ao pé de urtigas.

E repetiu as palavras que acabara de ouvir.

— Mas o que você disse à passagem da igreja, quando passamos por ela? — perguntou o príncipe.

— À passagem da igreja? — respondeu ela. — Eu não falo com passagem da igreja nenhuma.

— Então você também não é a verdadeira noiva.

Ela disse outra vez:

*Tenho de sair até minha criada,
que carrega os meus pensamentos.*

Correu para fora e se lançou sobre a donzela Maleen:

— Moça, o que você disse à passagem da igreja?

— Eu só disse:

*Passagem da igreja, não se quebre,
eu não sou a verdadeira noiva.*

— Isso lhe custará a vida! — gritou a noiva.

Mas correu ao quarto e disse:

— Agora sei o que falei à passagem da igreja.

E repetiu as palavras.

— Mas o que você disse à porta da igreja?

— À porta da igreja? — respondeu ela. — Eu não falo com porta de igreja nenhuma.

— Então você também não é a verdadeira noiva.

Ela saiu, lançou-se sobre a donzela Maleen e perguntou:

— Moça, o que você disse à porta da igreja?

— Eu só disse:

*Porta da igreja, não se quebre,
eu não sou a verdadeira noiva.*

— Isso vai lhe quebrar o pescoço! — gritou a noiva, tomada de enorme fúria.

Mas voltou correndo ao quarto e disse:

— Agora sei o que falei à porta da igreja.

E repetiu as palavras.

— Mas onde está a joia que lhe dei à porta da igreja?

— Que joia? — respondeu ela. — Você não me deu joia nenhuma.

— Eu mesmo a coloquei em seu pescoço e a fechei; se você não sabe disso, então não é a verdadeira noiva.

Ele lhe arrancou o véu do rosto e, ao ver sua feiura sem limites, recuou assustado e disse:

— Como você veio parar aqui? Quem é você?

— Sou sua noiva prometida, mas, como temi que as pessoas zombassem de mim se me vissem lá fora, mandei a criada das cinzas vestir minhas roupas e ir à igreja em meu lugar.

— Onde está a moça? — disse ele. — Quero vê-la; vá buscá-la aqui.

Ela saiu e disse aos criados que a criada das cinzas era uma impostora; deviam levá-la para baixo, ao pátio, e cortar-lhe a cabeça. Os criados a agarraram e iam arrastá-la dali, mas ela gritou tão alto por socorro que o príncipe ouviu sua voz, saiu correndo do quarto e ordenou que soltassem a moça imediatamente. Trouxeram luzes, e então ele percebeu em seu pescoço a joia de ouro que lhe dera diante da porta da igreja.

— Você é a verdadeira noiva — disse ele —, a que foi comigo à igreja. Venha ao meu quarto.

Quando ficaram a sós, ele disse:

— No caminho da igreja você mencionou a donzela Maleen, que era minha noiva prometida. Se eu achasse possível, teria de acreditar que ela está diante de mim: você se parece com ela em tudo.

Ela respondeu:

— Eu sou a donzela Maleen, que por você ficou sete anos presa na escuridão, sofreu fome e sede e viveu tanto tempo na miséria e na pobreza. Mas hoje o sol volta a brilhar sobre mim. Fui unida a você em casamento na igreja e sou sua esposa legítima.

Então se beijaram e foram felizes por toda a vida. A falsa noiva teve a cabeça cortada como castigo.

A torre em que a donzela Maleen estivera presa ainda ficou de pé por muito tempo, e, quando as crianças passavam por ali, cantavam:

*Trim, tram, trória,
quem está sentado nesta torre?
Lá está uma filha de rei,
que não consigo ver.
O muro não quer se quebrar,
a pedra não se deixa furar.
Joãozinho de casaco colorido,
venha e siga atrás de mim.*

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-donzela-maleen>